

Simmel e o futebol: da comunidade de afeto a equivalência abstrata do dinheiro*

Fernando Gonçalves Bitencourt¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina

Objetiva-se refletir com Simmel alguns efeitos do neoliberalismo no futebol. A partir da Filosofia do Dinheiro e da Tragédia da Cultura, pretende-se compreender como a flexibilização das leis trabalhistas e o fim da lei do passe promoveram o princípio da circulação já apontado ao fim do séc XIX. Etnografando o sistema futebolístico, observando e ouvindo jogadores, treinadores e dirigentes, aponto como um sistema de pensamento, conectado a uma estrutura jurídico-econômico ancorada em leis e regulamentações, estimula e legitima a circulação dos jogadores, tornando incipiente a relação destes com os clubes. A lei Pelé, os empresários e os regulamentos das competições abrem as brechas para a contínua transferência dos atletas de clube para clube. O corolário deste reordenamento estrutural do futebol, comum a ordem econômica mundial, é um processo de resignificação das relações estabelecidas na comunidade de afetos em torno do clube quando da imposição da equivalência abstrata do dinheiro.

Palavras-chave: Filosofia do dinheiro - Tragédia da cultura - Etnografia - Futebol.

I aim at reflecting with Simmel some effects of neoliberalism in football. From “The Philosophy of Money and The Tragedy of Culture, I intend to understand how the flexibility of working laws and the end of the FIFA’s legislation pre-Bosman promoted the circulation principle which had already appeared by the end of the XIX century. Making ethnography of the football system, observing and listening to football players, coaches and managers, I point out how such a thinking system, connected to a judiciary- economic structure, supported by laws and regulations, stimulates and legitimize the circulation of players, making the relation between them and their clubs incipient. The Pelé Law, the entrepreneurs and the competition regulations make it possible the continuous transference of athletes from one club to another. The corollary of this structural reordering of football, common to the world economic order, is a process of resignifying the established relations in the loving community around the club due to the imposition of the abstract equivalence of money.

Keywords: Philosophy of money - Tragedy of culture; Ethnography; Football.

* Simmel and football: from the friendship community to the abstract equivalence of money

¹ Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC, Campus de São José). Doutor em Antropologia Social e pesquisador do NAVI/GAUM do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina e do Observatório da Mídia Esportiva – Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física do Centro de Desportos da UFSC. Endereço para correspondências: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Campus de São José, Rua José Lino Kretzer, 608, Praia Comprida, São José, SC, 88103-902 (ferbit@ifsc.edu.br).

Abertura

É possível que se Simmel visse o futebol da forma como é praticado hoje o tivesse tomado como um problema. Como tudo que anuncia no vivido a tragédia da cultura, o autor se encantaria com a performance e o drama do jogo, com a vida dos atletas, com os feitos heróicos e os grandes fracassos, com o efeito alegórico da multidão e o descontrole controlado das massas. Arte, técnica e capital compoem um quadro dinâmico dos nossos desejos e medos. Uma arquitetura (uma forma?) *suis generis* de nosso modo de estar no mundo. Uma poesia, mas também uma tragédia.

O futebol atravessou mudanças significativas nos últimos anos. A dimensão dos fatos agora começa a ser sentida, quando grande parte dos clubes agoniza financeiramente, a qualidade técnica das equipes diminui e os jogadores estão vinculados a empresários para buscar uma melhor posição no mercado dos “pés de obra” (DAMO, 2005) e poder exercer melhor sua profissão. Mais do que uma mudança trabalhista, a nova ordenação do mercado que reconfigura as relações sociais no futebol e atualiza as idéias de Simmel sobre a filosofia do dinheiro e a tragédia da cultura assevera as bases de um “pensamento único”, agitado pelo valor simbólico da liberdade, do consumo e do capital, a despeito das diatribes nada irônicas formuladas pela noção de “racionalidade instrumental” (HORKHEIMER, 2000).

É preciso, entretanto, não tomar o sistema econômico, que é um suporte material, como o princípio, a causa dissolvida na “mão invisível do mercado”, do modo pelo qual as relações de trabalho estão a provocar transtornos no futebol. A teoria simmeliana, especificamente a que trata da filosofia do dinheiro e da tragédia da cultura, distingui-se das teses marxianas ao valorizar os elementos prático-simbólicos e a *bildung* na interação dialética com a economia para o entendimento das relações sociais. É preciso, como sugere o autor antecipando algumas teorias sobre o social de hoje, perceber que o mundo material está ancorado na idealidade da realidade, na psicologia profunda do indivíduo, ao mesmo tempo em que, refletindo esta dialeticidade o mundo material é pensado – assim também propõe, mais recentemente, por exemplo, Marshal Sahlins (2003).

O objetivo, deste texto, é discutir, no espaço social organizado em torno do futebol, sobre a impossibilidade de se ressubjetivar a cultura objetivada quando esta toma como medida das coisas, pessoas e relações sociais o valor abstrato do dinheiro. Pretendo, em específico, refletir como a flexibilização das relações de trabalho, que se realiza ao aprofundarmos o individualismo e a ideologia liberal, tem implicações para o sistema futebolístico, na medida em que a comunidade de afetos que envolvia a relação jogador clube é substituída pela ordem monetária das equivalências. Ainda, refletir sobre os efeitos práticos para a organização do futebol, atravessada que é pela circulação intermitente de jogadores.

Alerto, pois não pretendo nenhuma conexão ingênua ou a priori de Simmel com o futebol, que este texto é meu modo de brincar de encaixe com o pensamento e com o mundo. Se é possível ver o futebol em/com Simmel e, na contraface, Simmel pelo futebol, é porque há peças que combinam – outras nem tanto, o que exige, claro, mais do que esforço para conecta-las, uma certa dose de *ilusão* – não pelo efeito próprio do futebol, mas em virtude da leitura aguda que Simmel fez da cultura moderna, do dinheiro e do presente². Por “vício de ofício” apresento, antes de mergulhar nas interpretações propostas por Simmel, dados etnográficos de uma pesquisa realizada em um centro de treinamento de futebol, pertencente a um dos grandes clubes do Brasil.

Notas etnográficas 1: circulação e estrutura jurídica e econômica

Enquanto acompanhava o cotidiano do futebol em um clube que disputava o Campeonato Brasileiro da série A (e integra o *hall* dos campeões do Brasil), e realizava meu trabalho de campo, os jogadores chegavam e partiam em quantidade expressiva. Nas três categorias que trabalhavam no Centro de Treinamento os jogadores circulavam. Na categoria Juvenil os testes para os novos jogadores acontecem durante todo o ano, sendo a efetivação e a partida destes uma constante. Entre os Juniores isto é também verdadeiro. Apesar de ser possível reconhecer uma base de jogadores mais ou menos fixa, a circulação é a ordem.

Entre os profissionais o princípio é o mesmo. Vários jogadores chegaram para compor o grupo e outros tantos deixaram o elenco para os mais diversos clubes do Brasil e do exterior. Segundo o diretor técnico, havia em torno de cinquenta jogadores com vínculo profissional com o clube atuando em outras equipes e que deveriam retornar em dezembro de 2006 quando encerraria a temporada. Além destes, havia cerca de trinta atletas profissionais trabalhando. Apenas nos meses de agosto e setembro daquele ano pude perceber uma movimentação no elenco, as vezes tão repentina, para quem não faz parte da comissão técnica, que é difícil acompanhar³. Se não fosse a necessidade de um time B para jogar um campeonato regional é provável que as saídas fossem ainda em maior número.

Evidentemente o processo que organiza o deslocamento de atletas desde as categorias de base não resulta apenas da lógica do campo futebolístico. Regulações sociais incidem com aguda importância, fazendo com que jovens se iniciem na carreira esportiva – de acordo com o capital cultural, econômico e simbólico familiar procuram atividades distintas, conforme Bourdieu (1983,

² Sobre o presente em Simmel, ponto atemporal do tempo que corre entre passado e futuro ver Waizbort (2000).

³ É importante relatar que a equipe titular que em agosto de 2007 disputa o campeonato brasileiro é significativamente diferente da que, em janeiro/fevereiro do mesmo ano, realizou a pré-temporada.

1990) – e invistam num projeto que é, não apenas um sonho individual, mas uma aspiração familiar. Em entrevista realizada com os atletas das diversas categorias, ficou clara a unanimidade do fato de que se joga, não por um clube, mas por seus familiares, e por si, é claro.

Um levantamento da origem dos atletas das categorias de base, neste caso do infantil e do juvenil em 2006, comprova o esforço singular destes para alcançarem seus objetivos esportivos. Dos 60 atletas que tive acesso ao local de nascimento, apenas 1/3 são nascidos no estado do clube, o restante vem de vários lugares do país. Um de meus interlocutores me chamou a atenção para o fato de que os jovens atletas do clube mantêm dois tipos de ligações com as outras equipes: estão informados sobre os seus times de coração⁴, geralmente do local de origem e atentos aos jogos dos “grandes clubes do Brasil”. Concentrados no eixo Rio-São Paulo, são o horizonte de trabalho da maioria dos atletas das categorias de base.

Isto implica numa orientação da circulação, para os atletas, no sentido periferia centro. O centro está onde se encontram os clubes com maior capital simbólico e, evidentemente, econômico. Jogar no São Paulo, Santos, Flamengo ou Vasco são projetos destes jogadores em formação. Esta força centrípeta gera um deslocamento contíguo rumo a (mas também na) “periferia” do futebol, espaço em que a circulação é mais pronunciada. As equipes da série B do Campeonato Brasileiro – também as equipes menores dos diferentes Estados – montam e desmontam equipes, se não a cada competição, ao menos a cada temporada. Se é possível encontrar nos grandes clubes ao menos uma base de jogadores que se mantém – ainda que as pressões dos clubes internacionais sejam muito grandes –, sendo o elenco renovado aos poucos, nas equipes médias e pequenas é necessário, com frequência, formar um grupo novo.

A etnografia me fez perceber dois movimentos empreendidos pelo próprio clube. Se há a tendência, por parte dos jogadores, de “sonhar” com os grandes clubes do Brasil ou do exterior, o clube os forma para serem profissionais. Segundo as informações prestadas por um auxiliar de treinador, entretanto, o número de jogadores aproveitados nos profissionais é muito baixo: 3 a 4 por ano, de um grupo de quase 30. Estes novos jogadores podem tanto servir ao próprio clube como ser uma fonte de renda.

Há, também, um grande grupo de jogadores profissionais vinculados ao departamento de futebol. O objetivo é lucrar através de empréstimos a outros clubes e negociações de vários tipos. Além de colocar estes atletas em atividade – e em circulação – permanecem com um capital futebolístico diretamente (potencialmente) transformável em capital econômico.

⁴ A relação com o time do local de origem e pelo qual os meninos aprenderam a torcer é de afeto, o que não significa que haja o desejo direto de jogar por aquele clube, salvo o caso de este pertencer ao grupo dos “grandes”.

Os jogadores de futebol são mercadorias *suis generis*. Não são consumíveis como objetos, pois são corpos a produzir espetáculo. É como trabalhadores que se consomem seus corpos e gestos. Sendo trabalhador-mercadoria, não é o consumo de si que estabelece, por princípio, a relação – mesmo que isto se dê e seja irrevogável – com o campo econômico, mas o consumo de sua “arte”, o que o coloca na posição também de produtor que recebe por sua tarefa. Assim, aos clubes e empresários cabe investir, apostar e especular sobre o produto do qual só podem ganhar se o próprio produtor/produto ganhar também. Circular é a maneira pela qual o capital volátil no neoliberalismo afe-re lucros aos seus donos. Talvez, mais do que produtos ou mercadorias, os atletas são ações, fundos de investimento (apostas?): capitais que só geram lucro se circularem. Os próprios jogadores passam a ver os treinamentos como investimentos em seus corpos, combinando a certeza do salário a esperança (aposta) de, a curto, médio ou longo prazo, obter os lucros destes investimentos⁵.

Os jogadores já não são mais objetos de posse. Estão presos a relações contratuais com empresários e clubes, assim como atrelados a direitos federativos regulados pelos organizadores do esporte, a partir de uma complexa trama que envolve as quantidades e qualidades do capital de que o atleta dispõe para compreender e interferir na regulação de suas opções e possibilidades. Como não há mais posse, o que se faz é transformar o que era produto em ações de capital, fazendo-as circular para receber percentis toda vez que um negócio se realiza. Assim, clubes e empresários não medem esforços para fazê-los circular, pois recebem tanto sobre as transações quanto sobre os salários. Já os jogadores experimentam a possibilidade de encerrar contrato em um clube e partir para outro conforme a conveniência, pois os impedimentos são facilmente superados ou quase inexistentes.⁶

Para haver esta circulação é necessário uma base jurídico-econômica organizada. O que a estrutura é uma lei trabalhista que flexibilizou a relação empregador-epregado e um regulamento de campeonato que permite inscrição de jogadores até quase o seu término. O efeito sentido, quando se acompanha este universo, é a diminuição, por parte dos atletas, do sentimento de pertencimento a uma comunidade afetiva⁷ e, por parte dos clubes, a diminuição da tolerância quanto ao baixo rendimento dos atletas, pois estes são facilmente substituíveis.

⁵ O zagueiro Z (22 anos, ex-seleção brasileira nas categorias de base), de forma explícita, entre outros, ao tratar dos esforços singulares da pré-temporada (testes exaustivos, treinos físicos idem, uma espécie de quarentena, etc.) tratou a questão como um investimento para a carreira, para o futuro (como aprendeu com um destes psicólogos motivacionais importantes hoje no futebol). Na prática, passou duas semanas no DM com “canelite” e hoje é reserva, após a mudança de treinador.

⁶ Em entrevista ao programa “Tá na Área” do canal a cabo SporTV, exibida em 13/08/07, o vice-diretor de futebol do Clube de Regatas Flamengo, Kleber Leite, afirmou que, hoje, quem decide onde jogar é o jogador.

⁷ Não há, aqui, nenhum romantismo em pauta. Sempre houve negociação e circulação de jogadores, o que difere hoje é o fato de que isto se tornou um princípio; a própria lógica da estrutura futebolística.

A Lei Pelé formou a estrutura político-jurídica que introduziu as relações de trabalho da sociedade liberal no futebol. Não pretendo tratar do processo, apenas apontar o que significa a Lei Pelé, último passo rumo à “modernização do futebol”. Em linhas gerais, entre outras determinações, a Lei 9.615/03/1998 revogou a lei 6.354/76 e extinguiu o passe. Regulamentado nesta última, o passe era a forma pela qual os jogadores de futebol estavam atrelados aos clubes como sua propriedade⁸. A Lei instituiu a “flexibilização” da relação do jogador, que passa a ser um trabalhador com direito ao controle de sua força de trabalho⁹, com o clube¹⁰. Quanto aos clubes, se cercam cada vez mais de medidas jurídicas para garantirem os seus “investimentos”.

Para além da lei, é preciso que a entidade que organiza e regulamenta o futebol faça a parte dela. Não basta que a Lei garanta a circulação, é preciso que as competições as prevejam. É assim que o Regulamento do Brasileirão¹¹ permite inscrições de atletas até quase o seu final, ao mesmo tempo em que as copas continentais as prevêm para cada nova fase de disputa. Há, também, o mercado mundial, cujas “janelas” de contratações e negócios se abrem em vários continentes, especialmente Europa e Ásia, em períodos que interferem profundamente na temporada dos campeonatos no Brasil¹². Portanto, se os jogadores podem procurar o melhor lugar para jogar no mercado de trabalho do futebol, se os clubes podem contratar e negociar jogadores de acordo com suas necessidades/possibilidades, a entidade que controla os direitos federativos, regula as inscrições de atletas e organiza as competições completa o quadro que possibilita a circulação dos jogadores profissionais de futebol.

Notas etnográficas 2: individualismo e liberalismo

Para ser coerente com a perspectiva simmeliana, não se pode conferir a estrutura econômico-jurídica, que organiza a base material para a circulação,

⁸ No que se pode considerar o período romântico do futebol, o jogador estava ligado ao clube por um duplo vínculo, a saber, um afetivo, pois era formado nas categorias de base do clube e com ele desenvolvera uma ligação emocional e, um econômico, pois estava preso ao clube como mercadoria/força de trabalho.

⁹ É importante a denúncia de que a flexibilização da relação jogador-clube colocou ambos nas mãos dos empresários. Isto é fato, por exemplo, quando um jogador juvenil, com 15 anos, me diz que assinou um contrato com procurador e nem mesmo sabe o que assinou.

¹⁰ Do trabalhador “mercadoria” ao trabalhador empreendedor, o processo é semelhante ao encontrado em diferentes setores da sociedade. Levando ao extremo a “mão invisível do mercado”, os trabalhadores passam a ser responsabilizados por sua posição no mercado de trabalho. Durante o governo Fernando Henrique, inclusive a educação foi vítima desta perspectiva das relações de trabalho: salário vinculado à produtividade, o professor “empreendedor” deve garimpar recursos para os projetos institucionais, etc.

¹¹ Campeonato Brasileiro de Futebol, organizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

¹² Tanto o Brasil quanto a Europa e a Ásia iniciam seus campeonatos entre o verão e a primavera, atravessando o inverno e outono, encerrando a temporada mais ou menos no verão. O problema é que as estações estão invertidas devido a relação sul-norte fazendo com que as temporadas não coincidam.

o princípio gerador desta. É numa certa mentalidade, a mesma que sustenta o liberalismo econômico e o individualismo, onde encontramos a base ideal do que podemos chamar de “princípio da circulação”. Para sustentar esse argumento apresento algumas notas que tomei sobre como se pensa o futebol hoje entre jogadores, treinadores e administradores.

Em uma partida dos juniores do clube contra um adversário de “pouca expressão no cenário futebolístico” (eufemismo para time fraco), tive a oportunidade de etnografar, de dentro do vestiário, a preparação para o jogo. Cada uma das etapas de preparação, cuja duração pode variar de acordo com as circunstâncias, como a importância do jogo ou a infra-estrutura do local, é seguida como os passos de um ritual. Destas, a primeira e a terceira são significativas.

O jogo do qual trato era considerado sem importância e o time que entraria em campo era um misto de jogadores em experiência¹³, jogadores reservas da equipe principal e juvenis¹⁴. A preleção, palestra proferida pelo técnico para preparar a equipe para o jogo, foi marcada por considerações sobre as possibilidades, naquele jogo, para que cada um pudesse provar que tinha condições de compor o elenco do clube. O efeito retórico remontava sobre as carreiras individuais: sobre a grande chance. O mesmo mote foi tomado pelo jogador capitão da equipe. Cada um devia fazer o seu melhor, pois o “cavalo encilhado só passa uma vez”. Aquela era a hora de se provar algo, o valor individual do futebol jogado. Mais do que o time, o que estava em jogo era a chance de cada um na carreira de jogador de futebol. Treinador e jogadores entoavam o mesmo discurso, o do indivíduo (individualismo?) a perseguir seus objetivos.¹⁵

Meu segundo exemplo sai também de um jogo dos juniores e o espaço etnografado é o mesmo, entretanto, em circunstâncias bastante diferentes. Tratava-se da disputa final de uma Copa, sendo o adversário era um dos principais rivais: um clássico. O jogo, ao contrário do primeiro, que aconteceu no campo do CT, foi realizado no, estádio onde acontecem os jogos do time principal. Nas arquibancadas, cerca de oito mil torcedores. Após a partida, com derrota por 2x1 – apesar do favoritismo – o presidente do clube foi aos vestiários levar a palavra da direção. Para minha surpresa, ao contrário de levar uma palavra de conforto e defender a grandeza do clube, o discurso correu em outra direção. Fazendo referência ao clube como “a melhor escola de futebol do país” – o que anunciava uma fala sobre o coletivo – afirmou que aquele tinha sido um dia importante para a carreira de cada um dos jogadores – o quê, afinal, é o que importa – um momento de aprendizagem, talvez maior do que o de uma vitória.

¹³ Jogadores que chegam ao clube e ficam sendo testados para que se decida sobre seu aproveitamento ou não no elenco.

¹⁴ O time junior do CAP foi, neste ano, campeão da Copa Caribe e da Copa Belo Horizonte, sendo considerado um time de ótima qualidade. Formam a base do time profissional B, que disputava ao final de 2006 um torneio regional.

¹⁵ Ainda antes do jogo, após a preleção, o treinador me confidenciou que a maioria dos atletas não tinham condições de permanecer no clube e que deveriam ser dispensados; o que de fato ocorreu.

Sob uma perspectiva legitimada coletivamente pelos presentes, tratou de valorizar seus atletas, suas carreiras e seu futuro, independente do clube, que, em minha interpretação, aparecia como um lugar somente de passagem.

Um último exemplo teve vez no departamento médico (DM) do clube. O time profissional iria disputar uma partida internacional naquela noite. No DM três atletas faziam tratamento. Um dos jogadores, estrangeiro praticamente recém chegado ao clube, perguntou: vocês vão assistir ao jogo hoje (no estádio)? Em tom de ironia um deles diz: não, não vai dar. Uma segunda pergunta: vão ver pela TV, então? Não, a luz está muito cara e não posso ligar a TV. Risos irônicos (talvez sarcásticos), fim de conversa.

O que esta nota revela é o fato de que, uma vez que se esteja fora da equipe escalada para a partida – titulares e reservas – e dependendo da posição ocupada pelo atleta no elenco, seja devido a sua condição física ou técnica, seja por opção explícita do treinador, há uma tendência, em muitos destes, inclusive nas categorias de base (pois várias vezes pude perceber garotos não escalados para um jogo tentando escapar para não ter de acompanhar a equipe) de individualizar-se, abandonando os “companheiros de trabalho”. É claro que o fato de ser preterido e o sentimento de exclusão pesam profundamente sobre esta decisão. Porém, os contratos de trabalho ou o pertencimento a uma equipe não garantem o efetivo aproveitamento do mesmo nos jogos. A lógica do clube é a de que uma vez pertencendo a um grupo é com ele que se deve solidarizar-se. Para os atletas, a lógica se inverte.

Estes exemplos que arrolei (que repercute através da enfática afirmação de um jogador jovem, dos Juniores¹⁶: *...por isso que eu tenho empresário, não vou ficar preso ao clube...*) denotam, partindo de diferentes direções – treinador, “cartola”, jogadores – uma perspectiva comum sobre as relações de trabalho no futebol e o sentido do jogar. Numa frase, não se joga mais por um clube, mas por si e pela família, por sua carreira, pela fama e, claro, pelo dinheiro.

Simmel: metafísica da modernidade e filosofia dinheiro - análise do futebol

O conjunto de elementos que se assomam na interpretação do que é o futebol – e o ser jogador de futebol – a saber, as leis gerais que regem o trabalho, a legislação que regula as competições esportivas e o modo como se constrói a “carreira” de jogador compõe um conjunto cuja forma é regulada pela máxima da circulação. E fazer circular está na essência do dinheiro. Neste ponto reencontramos Simmel: quando a “sociedade do dinheiro” dá forma ao modelo de relações sociais a seguir em um determinado campo de atuação.

¹⁶ Note-se que este jogador, agora com aproximadamente 19 anos, foi todo formado nas categorias de base do clube.

Se Simmel é o observador das sutilezas e dos micro-eventos do mundo vivido, capaz de falar do amor e do conflito, da ponte e da porta, do segredo e da mentira, da coqueteria e da prostituição, é também um dos fundadores, junto com Max Weber, da sociologia alemã, formulando o que vai ficar conhecido como Sociologia Formal. É neste sentido, um teórico fundamental para se compreender a modernidade e as transformações que marcaram os sécs. XVIII, XIX e XX.

Na arquitetura de seu pensamento, além da agudeza ensaística de seus inúmeros textos, um pensamento sistemático vai percorrer o tempo-espaço que se entrelaça do medievo ao moderno através da análise do dinheiro e da cultura, procurando as implicações destes para o seu presente e para o nosso. Tentarei expor alguns aspectos importantes deste percurso, no sentido de articular, como já anunciei, Simmel e as direções que o campo futebolístico toma nestes tempos neoliberais.

Primeiramente, Simmel, segundo Waizbort (2000), vai perceber na racionalidade econômica, naquilo que o dinheiro impõe a tudo que se deixa tocar por ele, a mesma lógica que exige um domínio detalhado e organizado do tempo. Foucault (1987), mais tarde, ao realizar uma certa arqueologia dos saberes e uma genealogia da modernidade, vai perceber os efeitos homólogos, em diferentes campos, de uma mentalidade que, a exaustão, esquadrinha o tempo e o espaço como modelo racional de ordenamento jurídico-econômico do social.

Há, para Simmel (2006), uma mudança antropológica significativa, qual seja, a própria sensibilidade humana é afetada por estas transformações oriundas da homogeneização do qualitativamente distinto. Estas questões aparecem nas discussões sobre o indivíduo e a sociedade, na qual os problemas do individualismo, da igualdade e da liberdade são tratados na relação da divisão social do trabalho e da livre concorrência, princípios liberais que correspondem à incorporação do dinheiro ao mundo da vida. Tal homogeneização resulta da substituição da qualidade por um valor referencial quantitativo, porém abstrato: o valor do dinheiro.

Para chegar ao problema do dinheiro, pois não é o capital que regula estas relações através da mão invisível do mercado, mas sim procedimentos econômicos de caráter político ligados a disposições incorporadas por modos de viver a vida como liberdade regulada pela capacidade de consumo, Simmel (2006) vai estudar os séculos XVIII e XIX para apontar a metafísica presente no desenvolvimento do individualismo liberal que caracterizou aquele momento do capitalismo – e ainda marca nossos dias.

O séc. XVII é o momento no qual as ciências naturais dominam o interesse teórico. Desconsiderando os elementos históricos e sociais, é instituído o conceito de “lei natural como o mais elevado ideal de conhecimento”. O homem passa a ser estudado em sua generalidade, uma busca pela essência.

O homem universal, oriundo desta lei da natureza humana, se realiza ao libertar-se dos desvios e influências do social, da cultura e da história e “em função dessa humanidade o ‘direito natural’ se baseia na ficção de indivíduos isolados e iguais, sendo a generalidade da natureza humana o que torna suportável o isolamento dos indivíduos. A antinomia exposta por Goethe (Simmel 2006; p. 95), a saber, a de que “a igualdade exige subordinação a uma norma universal, e a liberdade ‘anseia pelo incondicionado’” termina num paradoxo moral, qual seja, a dinâmica interna do ser autêntico, ou seja, a busca da liberdade é a renúncia de si mesmo.

O idealismo kantiano (e o sujeito solipsista) vai ser reconhecido por Simmel (2006; p. 102) como o momento de realização abstrata perfeita do conceito de individualidade. Através do imperativo categórico “*aja de tal modo como se o princípio que guia sua vontade pudesse, ao mesmo tempo, ser válido como o princípio de uma lei geral*”, recoloca a idéia de que somente o homem livre é moral e somente o homem moral é livre, pois só existe liberdade em relação, reconstruindo a possibilidade de uma liberdade que inclua a igualdade.

O séc. XIX vai ver posto em questão o problema da igualdade através das teses socialistas. A democratização dos meios de produção seria um princípio fundamental para a promoção da igualdade social. Mesmo que Simmel reconheça esse princípio como um ponto importante do processo – a tese socialista de que há uma certa homologia entre status econômico e status cultural, resultando na proposta de democratização do primeiro para atingir o segundo – o autor percebe dificuldades oriundas do fato de que se as pessoas reúnem-se em torno de histórias e projetos distintos, não há garantias de que intervenções deste gênero alcançariam o objetivo esboçado.

Sua crítica se situa no plano sobre o qual o socialismo desliza conceitualmente, ao encontrar-se ainda no esquema individualismo e liberdade formulados no séc. XVIII. Ou seja, diante da dificuldade de conciliar igualdade e liberdade, restaria ao socialismo aderir e propor a adaptação à igualdade. Esta, entendida como satisfação geral, reduziria os desejos de liberdade. Entretanto, e aqui surge um Simmel antropólogo (e psicólogo), visto que nossa visão de mundo é construída a partir de contextos e histórias culturais, além das particularidades menos reconhecíveis (ainda estamos a pensar como e a partir do quê pensamos), logo estaríamos envolvidos em situações de diferenças forjadas por paixões e desejos, razões e conhecimentos, que mesmo o estado socializante não poderia atenuar.

Em síntese, argumenta Simmel (2006; p. 110), para quem a sociedade se realiza num fluxo incessante e na qual os indivíduos estão ligados entre si por influência e determinação mutuas exercidas entre si, que:

Se a liberdade, no sentido social, se refere à expressão adequada de qualquer medida individual de força e importância na configuração de líderes e seguidores no âmbito de um grupo, então ela está excluída de antemão. O conflito entre a totalidade individual do ser humano e sua natureza como elemento de grupo torna impossível a proporção harmoniosa entre qualificação pessoal e social. Também impossibilita a síntese entre liberdade e igualdade. Esse conflito também não pode ser eliminado numa ordem socialista, mesmo porque não faz parte dos pressupostos *lógicos*¹⁷ da sociedade.

Bem, se o séc. XVIII viu, na realização da natureza humana, nascer a ambigüidade entre liberdade e igualdade e Kant exprimir o imperativo categórico que postulava, de maneira sincrética, a liberdade como relação, o séc. XIX vai ter no socialismo a igualdade como princípio de regulação do social. Neste percurso, no entanto, um novo princípio se articula e vai se estender até os dias atuais, o individualismo como ideologia.

Afirma Simmel (2006; p. 111) “que o indivíduo que se tornou autônomo também quer se diferenciar dos outros: não se trata mais de ser um indivíduo livre, e sim que esse indivíduo seja específico e insubstituível”. Pois que, naquele momento, já atravessado o romantismo e a busca de si (em contato, mas em processo de diferenciação qualitativa com os outros e o mundo) trata-se agora de uma busca de si como se não se possuísse a si, ao mesmo tempo de que se está seguro de quem se é. Assim, as relações com os outros são apenas suportes para um encontro consigo mesmo. Na perspectiva teleológica, os outros passam a meios para cujo fim o sujeito em sua eguidade deve se encontrar.

A discussão e a experiência da liberdade e da igualdade desembocam no individualismo, ou seja, de uma individualidade fundada na *persona* livre e responsável por si para uma individualidade incomparável, que deve cumprir seu papel social por e para ela mesma. Segundo nosso autor, Schleiermcher é o filósofo que bem formula esta nova individualidade, pois não se trata mais de o indivíduo realizar-se como universal, mas cada um representar a humanidade de uma maneira específica.

Por fim, após apresentar os passos desta mudança antropológica, Simmel (2006; p. 117) conclui afirmando que o “liberalismo do séc. XIX põe o indivíduo sobre seus próprios pés, e ele deve progredir à medida que se sustenta”. Sendo a doutrina da liberdade e da igualdade o fundamento “histórico-espiritual” da livre concorrência e a doutrina das diferentes personalidades, ou seja, dos indivíduos singulares e incomparáveis, da divisão do trabalho,

¹⁷ Grifo do autor.

conclui o autor que estes dois grandes princípios que atuam na economia daquele século – e se expressam ainda hoje de maneira ainda mais aguda:

[...] surgem então como projeções de aspectos filosóficos do indivíduo social; ou ao contrário, como sublimação daquelas formas reais de produção econômica; ou talvez seja melhor (...) elas surgem conjuntamente de uma dessas profundas mudanças da história que não podemos conhecer a partir de sua essência ou de seus motivos próprios, mas somente a partir de seus fenômenos – que, por sua vez, se dão na mistura com as províncias singulares da vida, determinadas por seus conteúdos.

Para o autor, a modernização da cultura se dá pela racionalização do processo teleológico, ou seja, o aprimoramento dos meios e processos para se chegar a um fim. Provavelmente influenciado pelo evolucionismo, Simmel, segundo Waizbort (2000) via o progresso da cultura através da complexificação das formas pelas quais os indivíduos e a sociedade alocavam esforços e recursos para atingir seus objetivos. Assim, o desenvolvimento da técnica e da ciência, como da cultura (*a bildung*), são alguns suportes analíticos da passagem progressiva do medievo ao moderno.

Entretanto, Simmel vai reconhecer a armadilha que nos envolve no que ele denominou de “tragédia da cultura”, o fato de que o dinheiro deixa progressivamente de ser um meio para se obter algum bem e passa a ser um fim em si mesmo (assim como os *outros* passam a ser meios para o encontro do indivíduo consigo mesmo). Para que se possa compreender este processo é preciso retornar à filosofia da cultura simmeliana. Simmel entende a cultura como o ponto de cruzamento entre o sujeito e um objeto, ou seja, o estabelecimento sincrônico da fusão da subjetivação do que é objetivo e a objetivação da subjetividade¹⁸. Isto se dá em processo, aspecto que associado à idéia de formação deveria realizar a *bildung*: a educação dos indivíduos, ou a formação, e a elevação da cultura.

O momento em que as condições objetivas parecem convergir para a realização do sujeito cultivado (da autonomia esclarecida kantiana), entretanto, desemboca num paradoxo, como também vão descrever mais tarde Adorno e Horkheimer (1985), o fato de o esclarecimento se converter novamente em mito. Antecipando alguns aspectos da “dialética do esclarecimento”,

¹⁸ Não deixa de ser singular o fato de que, mais tarde, Bourdieu (1998) vá dar atenção à interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade no desenvolvimento de suas noções de poder simbólico e de *habitus*. Também Adorno, leitor de Simmel, vai dar um sentido correlato à “tragédia da cultura” com a teoria da “semi-cultura” e as teses sobre a “vida danificada”.

Simmel recorre a idéia de tragédia, numa rigorosa descrição do momento em que o desenvolvimento cultural (a *bildung*) não acompanha o desenvolvimento tecnocientífico e econômico, ao contrário, parece se direcionar para a barbárie. Mais tarde, Adorno nos lembrará que há algo errado com um mundo tecnicamente capaz de resolver o problema da fome e não o faz.

É neste instante que a Filosofia do Dinheiro (SIMMEL, 1977) vai fundamentar o complexo da modernidade como o tempo em que se realiza a passagem já anunciada neste texto, qual seja, o da substituição das qualidades pela quantidade; e que o desenvolvimento do projeto teleológico que a cultura exige, o da relação meios fins, vai ganhar novos contornos. Pois, repito, o momento histórico do moderno é aquele no qual os meios se autonomizam em relação aos fins, tornando-se fins em si mesmo. Daí o fato de Simmel tratar não apenas das modificações da vida efetuadas pelo dinheiro, mas perceber na técnica e na especialização aspectos do mesmo problema, a inversão meio/fins.

Mas é o dinheiro, segundo Waizbort (2000), o caso mais significativo desta modificação, pois é com o dinheiro que a transformação dos meios em fins se deu de forma mais completa. No cerne do problema está a idéia de esquecimento, que transforma em segunda natureza o que é produto das relações sociais e é a força da própria cultura. Se a cultura está ligada à série teleológica que transforma meios em fins, há no processo do moderno, com a complexificação desta série teleológica, o obnubilamento da consciência com vistas aos fins últimos, tornando-os, pelo que foi chamado de “princípio da economia de forças”, distante, perdendo-se para a consciência.

Talvez antecipando Mauss (1974) e Lévi-Strauss (1974), Simmel trata os sistemas de troca como sistemas pelos quais se abria a obrigação, a reciprocidade e, no limite, um sistema de comunicação. Mas estas eram marcadas pelas qualidades das pessoas e dos objetos. A adoção do dinheiro substituirá a qualidade do trocado pelo sem qualidade. Como substituto genérico que se interpõe aos diversos fins, o dinheiro torna-se eminentemente abstrato. Tudo que o dinheiro toca torna-se anônimo, impessoal; torna-se quantidade. Por isso que o que tem caráter pessoal não vai poder ser trocado por dinheiro: amor, honra, gratidão, etc.

Ao retirar a qualidade das coisas – como as casas de R\$1,99 de hoje, que vendem tudo pelo mesmo preço e que já existiam no tempo de Simmel – o dinheiro equaliza o que é distinto. Mas não apenas isso, visto que os processos se aceleram, que a modernidade trás em seu núcleo o movimento, a fluidez – ao contrário do estático e da fixidez do medieval – o dinheiro vai encontrar nela, precisamente no urbano, o espaço social de seu máximo desenvolvimento. Este é o período, segundo Simmel, em que tudo flui, inclusive o dinheiro. Mas ao mesmo tempo em que circula, o dinheiro é o ponto fixo sobre o qual tudo gira. Portanto, onde tudo é fluxo, apenas o dinheiro é fixo, pois se é, por um lado, o meio pelo qual todas as coisas são trocadas, é, em última instância, um fim em si mesmo.

Sintetizando, o que Simmel vive e vê na vida alemã é o fato de que o aparecimento do dinheiro vai romper os laços tradicionais que ligavam as pessoas às coisas, pois torna esta relação mediada e, como visto, é aquilo que possibilita a *bildung*, que concretiza o ressubjetivar do mundo objetivado. Mas se o dinheiro é um mediador, ele separa e une, o que caracteriza sua ambigüidade. Ele é ambíguo porque, por um lado, opera a separação acima exposta e por outro porque promove a ligação entre os membros de um mesmo círculo econômico. Ou seja, a função unificadora e separadora de interesses é uma das marcas do dinheiro, reguladora de relações sociais. Ao socializar os homens como estranhos, o dinheiro cria distâncias, ao mesmo tempo em que aproxima coisas antes distanciadas. “Com sua circulação e linguagem universais, ele reduz drasticamente as distâncias do mundo” (WAI-ZBORT 2000; p. 199).

Ainda este ponto merece consideração, pois o problema tempo-espaco a que o dinheiro remete implica em considerar a ambigüidade do tempo, que não é o mesmo para as diferentes sociedades, mas que se acelera na modernidade, principalmente no tecido urbano. Hoje, vivemos um tempo mundial que a circulação econômica, das informações e das pessoas, possibilidade gerada pela técnica, torna evidente a complexidade da relação entre o tempo global – que as bolsas de valores não cansam de anunciar – e o tempo local. Assim o tempo que se vive sempre em relação ao espaço, é o tempo da mobilidade, mobilidade ancorada no dinheiro, que é, em essência, sem essência. A ausência de essência do dinheiro, sua falta de qualidade, não pode, para Simmel (2000), ser o suporte do social, o que, em conjunto com a individualização (ou o individualismo), vai dar forma a uma vida sem sentido, ao indivíduo que procura, que não pode parar, pois que a ausência de sentido é angústia.

Se, retomando a discussão liberdade e igualdade, o dinheiro, para Simmel (1977), gerou um incremento de liberdade, também é seu efeito o aumento da dependência. Através do anonimato e da indiferença, além do nivelamento que o papel objetivo do dinheiro opera, pôde-se se distanciar das relações restritas de troca, entretanto, como seu corolário, ficou-se dependente de uma série ainda maior de agentes com os quais as relações se dão no plano da quantidade. É neste processo de desqualificação das relações sociais, no anonimato, que o indivíduo se volta para si, o que vai possibilitar a indiferença, o caráter *blasé* do burguês, o cinismo, etc.

Como a análise simmeliana do dinheiro e do moderno não se dão em torno da produção, como em Marx, mas no da circulação e do consumo, o indivíduo, apoiado unicamente sobre seus pés, procura incessantemente a satisfação. Entretanto, esta busca interminável se dá quando o imediato, ou seja, as relações sujeito/objeto que caracterizavam a cultura, foi rompido.

Ao indivíduo, além do enfraquecimento ou dissolução dos laços afetivos, das relações sensíveis, sobra a angústia de encontrar no sempre novo a satisfação que a tragédia da cultura reafirma, o que gera conseqüências, no que nos interessa, para o futebol.

Por fim, o jogador, a despeito de não se resumir ao estatuto de coisa, pois não é uma posse, estabelece sua relação com o clube através do dinheiro, do qual a implicação mais evidente é o fato de ter que render¹⁹ (ou jogar bem) pelo salário recebido. Entretanto, lembrando aquilo que caracteriza o moderno em Simmel (1987), a saber, o individualismo e a indiferença, além da circulação e da transformação dos meios em fins, tanto os clubes quanto os jogadores acabam, em reciprocidade, numa associação efêmera.

Um último ponto, pois que não se pode desconsiderar a relação formulada por nosso autor entre a racionalidade e a quantidade. O dinheiro, abstrato, ambíguo e sem essência, substituto universal da qualidade dos objetos pelas quantidades, obriga ao cálculo, a racionalização dos meios e dos fins, de procedimentos projetivos que ancorem o sentido da busca que não está mais nas coisas – sempre substituíveis. Simmel antecipa assim o sentido frankfurtiano de Razão Instrumental, que se subsume ao cálculo e ao interesse, substitui os fins pelos meios e reduz o pensamento e a razão, a ciência e a técnica à reprodução do capital.

Referências bibliográficas

ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *A dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo?. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. 1990. Programa para uma sociologia do esporte. In.: *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense.

DAMO, A.S. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

FRANCO Jr., H. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GENZLING, C. (Org.). *Le corps surnaturel*. Les sports entre science et conscience. Paris: Autrement, 1992.

¹⁹ O que mais se espera do dinheiro investido, senão que ele renda.

GUEDES, S.L. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1998.

HORKHEIMER, M. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro, 2000.

LÉVI-STRAUSS, C. Introdução: a obra de Marcel Mauss. In: M. Mauss. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU e EDUSP, 1974.

MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU e EDUSP, 1974.

SAHLINS, M. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SIMMEL, G. *Philosophie de l'argent*. Paris: Presses Universitaires, 1977.

SIMMEL, G. *La tragédie de la culture*. Paris: Rivages, 1988.

SIMMEL, G. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: O.G. Velho (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

WAIZBORT, L. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Editora 34, 2000.